

Erna Van de Winckel

Tradução
Benôni Lemos

DO INCONSCIENTE A DEUS

ASCESE CRISTÃ E PSICOLOGIA DE C. G. JUNG



ÍNDICE

Apresentação da Coleção <i>Amor e Psique</i>	7
Prefácio à edição brasileira.....	9
PRIMEIRA PARTE	
NOÇÕES PRELIMINARES	19
I. A análise psicológica	21
II. Inconsciente e arquétipos	24
III. O simbolismo	29
IV. Os sonhos	33
V. A individuação e o <i>Si-mesmo</i>	35
VI. A análise e a religião segundo Jung	36
VII. Análise e ascese	42
SEGUNDA PARTE	
RELAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA DE JUNG E A ASCESE CRISTÃ	51
1. Inconsciente e vida interior	53
2. “Conhece-te a ti mesmo”	59
3. <i>Persona</i> e orgulho.....	64
4. A sombra. O problema do bem e do mal. Satã	68

5. O casal progenitor.....	94
6. A travessia noturna	116
7. <i>Anima-animus. Eros e caritas</i>	132
8. O Si-mesmo. Unificação. Unidade. União	158
9. Do simbolismo ao transcendente	182
BIBLIOGRAFIA	198

APRESENTAÇÃO

DA COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida carregará em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão à teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia.

É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Redigir este prefácio, para mim, não é apenas recordar-me de uma mulher que me engendrou para o mundo da ALMA e para mim mesmo, mas também dialogar novamente com ela e sentir-me solidário, através de um mesmo espírito que nos anima.

Meu primeiro encontro com a autora foi através de seu livro. Identifiquei-me imediatamente com as propostas essenciais nele contidas: o diálogo entre a psicologia moderna e a religião e, mais especificamente, entre a fé, a vida cristã e a psicologia junguiana. Elas são tudo, menos incompatíveis. É até provável que um dia elas se deem as mãos, não apenas no sentido de um aprofundamento e um alargamento mútuos, mas para criar de fato uma nova síntese a serviço de uma vida interior, uma individuação cristã. Pela sua intenção e no contexto em que se situa, este livro foi escrito, antes de mais nada, para os cristãos. Situando o lugar do seu discurso, é mais fácil entender a sua perspectiva original.

Erna Van de Winckel nasce e vive a primeira parte de sua vida no mais completo ateísmo, como adepta do anticlericalismo de sua época. Faz os seus estudos universitários na Sorbonne, em Paris: história da arte, literatura, história das religiões e psicologia. Na década de 1940 forma-se como analista – uma das primeiras analistas junguianas em Paris e na França. Seu conhecimento do simbolismo confere-lhe uma habilidade excepcional para compreender a vida onírica e a psicologia do inconsciente. No entanto,

passados dez anos de vida profissional e apesar da sua realização pessoal como analista, começa a sentir certa ansiedade. A concepção junguiana do homem parece-lhe demasiado limitada e, sobretudo, por demais horizontal. Os postulados epistemológicos de origem kantiana e o sincretismo junguiano incomodam-na, assim como o pragmatismo de Jung. Além do mais, começa a perceber que Jung escreveu dentro de um contexto cristão, o que não é o caso de muitos de seus alunos. Em seu trabalho analítico, percebe que, muito embora a psicoterapia junguiana seja um caminho de salvação durante certo período, ela nos conduz afinal facilmente a um impasse.

Em vez de se deixar apanhar por um espírito negativo e crítico e de apegar-se à sua realização profissional e posição social, Erna Van de Winckel se permite uma nova descida às profundezas do mundo interior. Faz então a experiência de que o ser humano, em seu íntimo mais íntimo, se confunde com o divino. “Foi sem querer e contra a minha vontade”, assim me disse ela, “que a minha vida mudou. Não me converti, fui convertida. Constatei uma diferença entre a imagem e a realidade viva. Teria preferido tornar-me budista, mas não tive escolha. Tive que tornar-me cristã”.

Tudo parece indicar que seu corpo não vai aguentar por muito tempo essa nova dimensão que a vida a impele a assumir, tal a intensidade dessa experiência iniciática. Alguns anos depois, começa a perder a vista. Já quase cega, teve tempo apenas de abrir-se para o pensamento teológico cristão.

Essa mulher, como qualquer convertido, não se satisfaz com um cristianismo reduzido à missa dominical, e como psicóloga, não lhe basta brincar algumas horas por dia em seu consultório. Para ela, a vida é essencialmente una. Uma

vez que tem que ser cristã, ela o é plenamente, em todas as situações da vida cotidiana. No entanto, ao colocar-se abertamente como analista cristã, só consegue suscitar contestações, tanto por parte da maioria dos representantes da Igreja, como em seu próprio meio profissional. “Nesse meio”, dizia ela, “é como que uma necessidade ser ateu para poder ser analista. Pode-se ser analista freudiano, junguiano, rogeriano, pouco importa a qualificação doutrinária, mas ser analista cristão, isto parece uma contradição”. Por outro lado, os teólogos não lhe ocultam sua desconfiança, como se a análise fosse um instrumento do diabo. (Ainda bem que os tempos mudaram!). Sofre demais com essa incompreensão. Sorrateiramente, uma doença dos rins se instala em seu corpo, e pouco a pouco a deixa prostrada num sofá. Paralisada pela cegueira e pela doença, mesmo assim escreve dois livros, forma uma geração de analistas e dirige durante vinte anos o movimento junguiano que está nascendo na França.

Essa mulher não precisa falar de Deus e menos ainda do cristianismo. Uma presença emana de seu rosto marcado pelo sofrimento: a paz e a alegria cristã a habitam. Durante os anos todos em que a conheci, nunca percebi o menor indício de espírito apologético; muito pelo contrário, apenas muita discrição e nenhum proselitismo. Tem um imenso respeito pelos caminhos de Deus. “Existem almas naturalmente budistas, outras judias, outras hinduístas, e outras, ainda, que são cristãs”, dizia ela. A *Imitatio Christi* consiste, a seu ver, na coragem de cada um viver a sua vida em sua unicidade própria, como o Cristo viveu a sua. Sabe, por experiência, que o conhecimento vivo do divino é um dom. O que as pessoas podem fazer é, no máximo, dispor-se a recebê-lo. Os seus sofrimentos físicos lhe permitem aproximar-se, a partir de seu interior,

do sofrimento dos outros. Este livro de Erna Van de Winckel é completamente despretensioso. É o simples testemunho de uma convertida de antes do Concílio Vaticano II. (Aliás, nos anos 1970 tem vontade de reescrevê-lo, mas é impedida por seu estado de saúde.) Tem plena consciência de que se trata apenas de uma primeira formulação de sua experiência pessoal. E sem dúvida alguma, essa experiência, que introduz a ideia do inconsciente transcendental, não é a única possível. Essa concepção aproxima-se da doutrina do homem criado à imagem de Deus, centro da alma, como foi descrito pelos místicos.

O que a autora quer colocar em evidência é que a realização de nossa totalidade, pelos meios da psicologia moderna, não pode chegar à plenitude, a não ser que se volte de novo para a sua relação original e primeira, ou seja, para o Deus imanente na alma, bem como para o totalmente Outro. Cabe a Erna Van de Winckel o mérito de perceber e corrigir, de maneira coerente, a ambiguidade de Jung em relação à imagem de Deus. Aceita os dois grandes postulados junguianos, nos quais Jung baseia a sua “teologia”, isto é, a lei dos opostos e a existência real do mal. Erna Van de Winckel chama a atenção dos que conhecem a simbólica, para a distinção elementar entre o ternário e a Trindade cristã, algo que, inexplicavelmente, Jung não percebeu. É verdade que, dentro da dinâmica psicossimbólica, o ternário chamando o quaternário, e este, como hoje sabemos, por sua vez chamando os estudos do inconsciente, é símbolo de uma estrutura imanente ao ser humano e corresponde a uma totalidade. A autora conhece, por experiência própria, essa realidade a que Jung se refere. No estado de desequilíbrio em que vive o homem moderno, reencontrar certa unidade interior já é muito. No entanto, não passa

de uma etapa da caminhada: não é um fim em si, como muitas vezes se pretende.

Para quem aceita ingenuamente as considerações junguianas sobre Deus, existe o grande perigo de recair no mundo do narcisismo fechado, que é justamente o contrário do que se propõe a dialética junguiana. É necessário recordar que Jung viveu e morreu como cristão, e tudo o que disse sobre Deus se refere tão somente às representações humanas de Deus. Hoje, podemos perguntar-nos se, afinal de contas, suas considerações psicológicas sobre Deus não se referem à sua infância e ao seu pai. Em suas *Memórias*, no capítulo intitulado “Confronto com o inconsciente”, Jung nos diz explicitamente: “Eu cheguei até aí. Outros irão, talvez, mais longe”. Mas essa abertura, esse reconhecimento dos limites de sua experiência estão bem pouco presentes nos sistemas junguianos. Esse ir “mais longe”, a autora viveu-o “pela graça”, como ela mesma diz. O reencontro com o Deus Amor, que é o Deus Trino dos cristãos. Sua experiência pessoal poderia, sem dúvida, ser contestada, se dois mil anos de história de cristianismo não tivessem colocado no centro das mandalas cristãs, como nas rosáceas das nossas catedrais, aquela estrutura quaternária para expressar a realidade central que é o Deus Amor. É à luz da descoberta do Amor de Deus que a autora se confronta com a existência real do mal, situando o problema em seu verdadeiro contexto. A sua contribuição nestas duas questões é de grande valor.

Discuti muitas vezes com a autora sobre quais eram suas intenções reais ao publicar este livro. Para explicar e justificar o seu pensamento, seria preciso um livro inteiro. Limitar-me-ei, pois, a umas poucas considerações.

Erna Van de Winckel está convencida da imperiosidade de os cristãos do século XX encontrarem um caminho

novo para o velho Evangelho. As exigências de vida interior do cristão do século XX são tão grandes quanto no passado, mas o que nos falta são novas formas e práticas de vida espiritual e técnicas adequadas para se chegar a este fim, e que reflitam e expressem a situação do homem atual. Se, por um lado, a autora vê na psicologia moderna, e particularmente na psicologia de Jung, uma chave capaz de reabrir as portas para o mundo interior, ela também é sensível aos valores específicos de cada religião e particularmente aos do cristianismo, para não se deixar levar ao sincretismo. Quanto mais se confunde, menos se une. Da mesma forma que São Tomás conseguira cristianizar a filosofia de Aristóteles, criando uma síntese nova, Erna Van de Winckel deseja realizar um trabalho semelhante na psicologia moderna, a serviço de uma renovação espiritual, de um humanismo cristão.

Hoje é fácil constatar a existência de centenas de psicoterapias, todas elas fruto de confissões pessoais e generalizações de experiências pessoais de seus autores.

Não é por ter nascido no contexto da medicina e mesmo, por vezes, em oposição ao cristianismo, que a psicoterapia tem que permanecer sempre nessa oposição. Quando se pergunta qual a relação, sob o ponto de vista histórico, da nossa psicoterapia moderna com alguma prática do passado, podemos constatar que ela é uma laicização, uma secularização e uma modernização da antiga *cura animarum*. Mas essa secularização acarretou uma nova imagem do homem, com os valores próprios de certa tradição filosófica. No caso da psicologia de Jung, é fácil reconhecer o espírito de Nietzsche, Schopenhauer, Caruso, Hartman, Kant, Goethe, bem como da psiquiatria alemã do século XIX, além do espírito de um mestre Eckhart, Boehme, dos gnósticos, dos alquimistas... Resumindo,

de certos valores cristãos. A psicanálise de Freud nasceu da histeria; a psicologia analítica junguiana, da esquizofrenia. Qualquer que seja o desenvolvimento dessas psicologias, é a sua origem e a sua finalidade que dão à terapia psicomédica o seu sentido, a saber: a adaptação social, o desenvolvimento da personalidade individual, o alargamento do campo da consciência, a afirmação do ego, e outros parâmetros nessa linha. No decorrer da história, houve evidentemente também centenas de psicologias de caráter cristão, situadas no contexto da própria tradição, de uma riqueza fabulosa, aliás, no que diz respeito ao conhecimento psicológico. Seu objeto e campo de trabalho só pode ser a experiência cristã (o vivencial cristão) em qualquer situação de vida, inclusive as nossas feridas, as quais, repentinamente, adquirem um novo sentido. Sua única finalidade, segundo a expressão clássica dos antigos, era “curar a alma” e “cultivar a alma”, para chegar a uma vivência cada vez mais profunda em, por e para o Cristo em nós e entre nós (*christianus alter Christus*). Era essa a finalidade da antiga *cura animarum*: um “sacramento”, como lembra Thomas Merton.

Uma nova *cura animarum*, que, muito embora se mantivesse fiel ao passado, dele se distinguisse pelo seu enfoque mais psicológico, mas um enfoque psicológico que fosse também cristão. “Só a alma pode perceber a alma.” Ela se percebe de dentro. A alma é, portanto, antes de mais nada, um modo de percepção. Essa perspectiva não estava ausente nos antigos, mas adquire novas dimensões através da psicologia moderna. Não se situa mais num contexto metafísico, como antigamente, mas para nós, os modernos, a alma é sinônimo de uma realidade experimental. O lugar onde ela se reconhece é, por natureza, o *mundus imaginalis*, porquanto a alma é antes de

tudo imagem. A imagem contém tudo em si, a começar pela pluralidade dos sentidos e dos não sentidos. Não quer dizer que uma psicologia moderna cristã renegue as dimensões metafísicas, mas apenas que as retoma em sua perspectiva própria. A transcendência encontra-se na imanência. Pode tratar-se da filosofia ou da teologia cristã que for, nenhuma se concebe sem uma cristologia. O mesmo acontece com a psicologia cristã.

Sem dúvida, ainda é preciso elaborar uma cristologia a serviço da psicologia. Muito embora a doutrina tradicional da alma – *imago Dei, imago Christi* – seja uma referência essencial, existem pelo menos mais duas outras, tão importantes quanto essa: uma seria o bestiário do Cristo, estudado na iconografia cristã, onde se verifica que muitos animais simbolizaram o Cristo, que simplesmente significa que a vida espiritual cristã tem seu lugar na vida instintiva, e que, portanto, o instintivo e o espiritual são um. Em outros termos, significaria que a vivência instintiva tem uma dimensão crística. Estamos longe, aqui, da dicotomia cartesiana entre instinto e espírito, e até entre consciente e inconsciente. O segundo ponto de referência seria o do Cristo Cósmico: a *anima mundi*, o *anthropos*. O próprio Jung reconheceu, na pessoa de Cristo, uma encarnação histórica do que chamou de “Si-mesmo”.

Essas dimensões do cristianismo só serão reconhecidas à medida que se reconheça a própria alma. Nesse aspecto há um enorme trabalho a ser feito. Não foi por acaso que no Concílio Vaticano II se fez silêncio sobre o desafio ou a contribuição da psicologia moderna. Isso quer dizer que a consciência cristã ainda não despertou para esse tipo de questão.

Aqui, mais do que em qualquer outro campo, reflexão e experiência, teoria e prática, estão intimamente ligadas.

É de se esperar que, logo que as buscas e pesquisas realizadas nesse sentido alcancem certa maturidade, o sacerdote se torne de novo um verdadeiro “pastor de almas”, capaz de acompanhar os cristãos em sua busca interior, sempre singular e individual. Os exegetas católicos e protestantes conseguiram assimilar os instrumentos da crítica histórica e se abriram para uma nova leitura da Bíblia; então, não há razão para que um trabalho semelhante não possa ser realizado nos dias de hoje, em relação à psicologia, para que o livro vivo que é a alma possa ser relido, a partir de dentro, pelo cristianismo.

A causa da pobreza de vida interior de tantos cristãos não seria essa lamentável ausência, quase total, de uma prática moderna de algo como a *cura animarum*? Não seria essa a causa também do mal-estar e do isolamento de muitos sacerdotes e pastores? Não seria a razão por que tantas pessoas tentam encontrar-se em outras técnicas espirituais, como na psicologia moderna, nas religiões orientais ou até nas drogas? Se a alma é naturalmente cristã, como dizia Tertuliano, e se o conhecimento de si mesmo é o melhor caminho para se chegar a Deus (São Bernardo), e já que Deus criou a alma humana, por que não abordá-la seriamente? Isso só poderia trazer vantagens a todos aqueles que se sentem impelidos a viver uma vida interior. A psicologia moderna redescobriu a alma. Além disso, dispomos hoje de instrumentos de trabalho: por que não usá-los no contexto e nas perspectivas do cristianismo?

Karl Rahner escreveu que “o homem espiritual de amanhã será um místico, alguém que experimenta algo”. Eu acrescentaria que esse místico será um místico da alma, um místico da interioridade. No decorrer da história do cristianismo, essa mística sempre existiu, e encontrou seu

apogeu em Santa Teresa de Ávila. Mas esse tipo de mística nasceu no contexto da vida monástica; sempre foram interdependentes. Falta viver e formular uma mística cristã da alma, que expresse e reflita a situação concreta do cristão no mundo de hoje. Começamos a adquirir técnicas que permitem novos modos de vida espiritual. Por todo lado, procuram-se novas formas de vida espiritual. O livro de Erna Van de Winckel é uma expressão pessoal dessa busca.

Quem sabe, já esteja próximo o tempo em que a psicologia se tornará a nova *ancilla theologiae*...

Léon Bonaventure